

APRENDER A FAZER: contribuição da monitoria para a prática docente¹

ARRUDA, Maysa Peres²

PRIMO, Ana Abadia Rabelo Nazareth³

SANTOS, Thayse Batista dos⁴

Resumo: Este relato tem como objetivo expor a experiência obtida pelas bolsistas por meio do Subprojeto *Letramento* vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de Letras da UEG/UnU de Jussara, realizado no Colégio Estadual Jandira Ponciano dos Passos com alunos da segunda fase do Ensino Fundamental. Projeto este que tem a finalidade de incentivar a prática docente e ampliar os conhecimentos das bolsistas em relação ao letramento, beneficiando, assim os alunos da escola campo a respeito da importância do uso da escrita e da leitura nas práticas sociais. Para atingir os objetivos propostos são realizadas monitorias a partir do acompanhamento do professor titular em sala de aula e atendimento individual dos alunos na resolução de exercícios. Também são realizadas oficinas a fim de proporcionar momentos lúdicos de aprendizagem com foco no uso social dos gêneros textuais. O subprojeto contempla ainda formação continuada com os professores e funcionários da escola, no intuito de proporcionar momentos de reflexão e expor sugestões variadas para se trabalhar na perspectiva do Letramento em qualquer disciplina. Para auxiliar o professor supervisor também se prepara material didático e com isso é proporcionado o contato dos bolsistas com a prática diária do docente. Para embasar as atividades do subprojeto ocorrem semanalmente na Unidade Universitária os grupos de estudos sobre o tema. Neste relato será abordado de forma mais ampla as monitorias realizadas na escola campo, de agosto de 2012 a maio de 2013 nas turmas de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental, sob a supervisão do Professor da Educação Básica partícipe do subprojeto. Serão utilizadas como base teórica Kleiman (1995), Ribeiro (2004), Soares (2006), entre outros. Espera-se que a atuação das bolsistas contribua com a escola campo na melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem e dos resultados das avaliações internas e externas.

Palavras-chave: Monitoria. Letramento. Prática Docente.

¹ Relato de Experiência apresentado no primeiro Encontro do Pibid – UEG em 2013.

² Graduanda do 4º ano do Curso de Licenciatura em Letras-Português/Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara. Bolsista do Pibid – UEG, Subprojeto Letramento financiado pela CAPES.

³ Graduanda do 3º ano do Curso de Licenciatura em Letras-Português/Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara. Bolsista do Pibid – UEG, Subprojeto Letramento financiado pela CAPES.

⁴ Graduanda do 2º ano do Curso de Licenciatura em Letras-Português/Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara. Bolsista do Pibid – UEG, Subprojeto Letramento financiado pela CAPES.

Introdução

No Brasil, desde o período colonial, era grande a parcela da população que não sabia ler e escrever, se tornando um problema de ordem política, social, cultural e econômica. Os censos realizados nessa época se preocupavam em identificar o número de pessoas alfabetizadas, no entanto, a forma de avaliação não era rigorosa; bastava apenas saber assinar o nome. Já por volta de 1950 o critério passou a se basear na escrita de um bilhete simples.

Apresentando-se como uma espécie de reação ao crescente problema de analfabetismo, a necessidade de ensinar e aprender as primeiras letras e correspondente instrução primária é relativamente recente em nosso país. E em sua gradativa disseminação foi gerando resultados, cuja visibilidade só se acentuou mais recentemente, evidenciando uma nova necessidade que fez ressurgir a palavra “letramento” e “letrado” (MORTATTI, 2004, p.40).

Antes, o problema existente consistia somente no estado ou condição de analfabeto, mas recentemente surgiu uma nova realidade, nasce a necessidade de ir além, saber ler e escrever já não era mais suficiente. Nesse contexto, surgiu o termo letramento, derivado da palavra *literacy* que diz respeito à condição de dominar de forma eficaz a leitura e a escrita e suas práticas sociais, trazendo implicitamente a ideia do resultado adquirido pelo domínio dessas habilidades, alcançando aspectos políticos, econômicos, cognitivos, linguísticos, atingindo assim, tanto o indivíduo quanto o meio em que ele está inserido. Nesse aspecto, um indivíduo, apesar de não ser alfabetizado, pode ser de certa forma letrado, já que faz uso da escrita em sociedade, assim como uma criança analfabeta que, ao simular que está lendo, escrevendo ou em contato com histórias e cercada de material escrito e entende a sua utilização, apesar de não ser alfabetizada já está introduzida no contexto de letramento.

Segundo Magda Soares (2006) “o ideal seria alfabetizar letrando”, ou seja, ensinar a dominar a leitura e escrita veiculada no contexto social, para que o indivíduo possa ser alfabetizado ao mesmo tempo em que se torna letrado.

Sabendo a importância do indivíduo ser letrado o subprojeto busca analisar o Letramento como a condição indispensável não só para o uso da leitura e da escrita no meio escolar, mas também para contextos não escolares.

Os projetos do PIBID de acordo com a CAPES (2012, p.01) “devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas (...) para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola”. Pensando nisso, o subprojeto Letramento visa proporcionar aos acadêmicos um contato com o cotidiano de uma sala de aula, que é um procedimento de aprendizagem

imprescindível a um profissional que deseja estar apto para confrontar-se com os desafios de uma carreira. Ele tem como intenção complementar a formação acadêmica dos estudantes possibilitando uma assimilação entre teoria e prática, pois sabe-se que os cursos de formação de professores precisam catalogar essas duas vertentes de maneira interdisciplinar.

Além disso, visa ampliar os conhecimentos das bolsistas em relação ao letramento, contribuir com o crescimento do letramento dos alunos da escola campo, melhorando assim a qualidade do processo ensino-aprendizagem e os resultados das avaliações internas e externas.

Durante o período em que se desenvolveu o projeto ocorreu, semanalmente às terças-feiras, discussões em grupos de estudos na Unidade Universitária de Jussara, onde foram socializados e debatidos livros sobre letramento afim de que haja a máxima exploração dos conteúdos lidos, tendo em vista a aquisição de maior base teórica. Durante esses encontros houve também orientações para as monitorias em sala de aula, na escola campo, e socialização das atividades realizadas no decorrer da semana.

Através do Subprojeto foi possível a correção da Avaliação Diagnóstica Escolar pelos bolsistas, proporcionando um contato com esse tipo de prova para identificar as falhas das propostas de letramento escolar, referentes principalmente a termos de letramentos e capacidade de leitura.

O conceito de avaliação diagnóstica não recebe uma definição uniforme de todos os especialistas. No entanto pode-se, de maneira geral, entendê-la como uma ação avaliativa realizada no início de um processo de aprendizagem, que tem a função de obter informações sobre os conhecimentos, aptidões e competências dos estudantes com vista à organização dos processos de ensino e aprendizagem de acordo com as situações identificadas (CAED, 2012).

Essas provas possuem os descritores ou habilidades que dizem respeito não somente ao conteúdo e a materialidade linguísticas dos textos, mas também a situação em que os textos foram criados, sendo este o ponto em que os alunos apresentam maiores problemas, pois possuem dificuldade em compreender um texto, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo e intertextualizá-lo. E para isso não basta ser alfabetizado, ou seja, conhecer o alfabeto e decodificar letras em sons de fala é necessário ser letrado, isto é, interpretar e fazer uso de textos do seu cotidiano. Uma vez que todo indivíduo pertence ao meio social, e que, através das situações vividas acaba adquirindo conhecimento de mundo que servirá para que o aluno não desvincule o que se aprende na escola em relação ao que é cobrado na sociedade em que ele está inserido. Pois, por mais que as pessoas aprendam a ler e escrever,

não incorporam a prática da leitura e da escrita, não adquirindo assim a competência necessária para fazer uso desta prática. Nesse sentido é importante para os bolsistas ter esse contato com esse tipo de avaliação com o intuito de identificar e procurar auxiliar na superação das dificuldades diagnosticadas.

As bolsistas participaram também de situações cotidianas da realidade de um docente, tais como a semana de formação continuada de professores, onde foi apresentado o Currículo Referência. Além disso, as acadêmicas, participantes do Pibid, também se fizeram presentes nos trabalhos coletivos que aconteceram na escola-campo Colégio Estadual Jandira Ponciano dos Passos. Nessa ocasião foram discutidos assuntos pertinentes à Prova Diagnóstica, como sugestões para sanar os problemas de aprendizagem e os possíveis métodos utilizados, além da participação dos bolsistas no planejamento de aulas de Língua Portuguesa.

Durante a realização do subprojeto aconteceram monitorias em sala de aula com a supervisão do professor especialista Cloves da Silva Junior. Na oportunidade, foi possível identificar as dificuldades dos alunos, auxiliar na resolução dos exercícios propostos e observar a forma com que o professor regente ministra suas aulas, com a finalidade de adquirir conhecimentos de metodologia de ensino na realidade da escola pública.

Para Baraúna (2001 apud SCHNEIDER, 2004), o trabalho de monitor tende a promover e instigar o aluno por meio de constante acompanhamento e assessoria, garantindo a eficácia no processo ensino-aprendizagem. Pois, o mesmo tende a estudar mais para estar preparado para as dificuldades encontradas por seus colegas, e com isto tornasse um facilitador do conhecimento.

A monitoria em sala de aula é uma atividade formidável, pois é através desta que consegue-se analisar como realmente funciona uma sala, como os alunos se comportam e como o professor põe todo seu conhecimento em prática, proporcionando um ensino de qualidade para seu alunos.

Pôde se observar durante a realização dessa atividade que há alunos, principalmente do 6º ano do Ensino Fundamental, com dificuldades na interpretação de enunciados, não respondem corretamente as questões propostas devido à falta de entendimento. E sabe-se que não é possível para o professor acompanhar todos os alunos individualmente sempre que necessário.

Dessa forma, após a explicação do professor, as bolsistas procuram ajudar aqueles que demonstram maior dificuldade. Inicialmente, alguns alunos da escola campo se mostraram

resistentes em relação às monitoras, essa questão foi assunto das reflexões realizadas na UnU de Jussara, tentando assim uma forma para que essa situação fosse transformada, pois como afirma Maldaner (2000, p.13) “não se pode esperar que os resultados aconteçam espontaneamente”.

Assim, as bolsistas por meio de conversas com os alunos durante a resolução de exercícios, mostrando a eles que sua função naquele ambiente escolar era principalmente auxiliá-los e que eles poderiam solicitar ajuda sempre que necessário, de tal modo foi possível adquirir a confiança por parte deles.

Segundo Schneider (2007), da mesma maneira que o monitor se torna um “auxiliar” do professor ele aproxima-se de um “programador de atividades”, ou seja, um “facilitador” do aprendizado em sala de aula, indicando que a relação de ensino-aprendizagem torna-se especial pelo trabalho em conjunto entre professor-alunos, alunos-alunos. Ou seja, a monitoria é um instrumento fundamental para o bom relacionamento entre professor-conteúdo-aluno, através da participação ativa de todos os integrantes do processo de ensino-aprendizagem.

No auxílio aos alunos, sempre que possível, os bolsistas buscam utilizar o conhecimento obtido nos grupos de estudos acerca do letramento, fazendo com que eles (alunos) possam relacionar o conteúdo estudado com as práticas sociais realizadas fora da sala de aula, geralmente, essa situação ocorre com conteúdos relacionados aos gêneros textuais.

Nessas ocasiões de monitorias também foi possível perceber a função do professor enquanto mediador do conhecimento, pois através da observação do professor supervisor percebe-se que seu trabalho é realizado de forma com que os discentes adquiram saberes escolares vinculados com a vida em sociedade, proporcionando a oportunidade dos alunos adquirirem senso crítico.

O educador age como uma ponte entre a informação e o aluno, instigando o mesmo a refletir e questionar por si só, não como um mero receptor, mas como sujeito ativo na sociedade. Chegando-se a conclusão que existem dois conjuntos de estratégias: “as estratégias de compreensão do leitor e as estratégias de mediação da professora pesquisadora” (BORTONI-RICARDO, 2010, p.26).

O professor supervisor durante suas aulas faz socializações das provas com os alunos, trabalhando as questões de Língua Portuguesa para observar qual direcionamento os alunos tomaram para interpretar as questões e resolvê-las. Grande parte dos alunos erra por falta de atenção, não leem a questão com cautela e marcam a alternativa errada.

Nessas socializações também, são abordados temas que os alunos convivem diariamente na sua realidade como: drogas, sustentabilidade, distúrbios alimentares, entre outros, com o intuito não somente de ensinar o aluno, mas também de formar um cidadão letrado.

Sem dúvida, o professor além de serem educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador (BULGRAEN, 2010, p.31).

Agindo dessa forma o professor possibilita aos alunos a formação de opiniões críticas, ao socializar as provas em sala, não estava se fazendo uma simples correção, mas dando aos alunos uma forma de se expressarem, e por meio da mediação feita pelo professor eles vão formando sua opinião e conseguem fazer uma interpretação correta da questão analisada.

Ao trabalhar com gêneros textuais em sala o professor também faz uso dessa mediação. Após a leitura dos gêneros, sempre é feita a discussão levantando tanto questões sobre a estrutura de cada gênero como também a interpretação de cada leitura. Nesse sentido,

(...) deixa-se de esperar das crianças a postura de ouvinte valorizando-se sua ação e sua expressão. Possibilitar à criança situações em que ela possa agir e ouvi-la expressar suas elaborações passam a serem princípios básicos da atuação do professor (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 110).

Então o fato de o professor enxergar o aluno não só como um ouvinte, indagando-o e dando espaço para a sua fala faz com que aconteça uma aprendizagem ativa e crítica.

Sendo assim, o professor utiliza do método de andaimagem, tendo matéria prima os recursos paralinguísticos e o componente segmental dos enunciados, onde ele serve como suporte auxiliando o aluno visível ou audivelmente a extrair informações de um texto, podendo ocorrer à interdisciplinaridade, ou seja, em um único texto o educador consegue trabalhar com múltiplas disciplinas.

Um trabalho de andaimagem pode tomar forma de um prefácio a uma pergunta, de sobreposição da fala do professor á do aprendiz,

auxiliando-o na elaboração de seu enunciado, de sinais de retorno (*hackchanneling*), comentários, reformulações, reelaborações e paráfrases e, principalmente, expansão do turno de fala do aluno. Todas essas estratégias dão a ele a oportunidade de “reconceitualizar” o seu pensamento original, seja na dimensão cognitiva seja na dimensão formal (BORTONI-RICARDO, 2010, p.27-28).

Em sala de aula, durante as monitorias na escola-campo, pode-se perceber na prática do professor como de fato acontecem os protocolos de leitura, e o quanto isso aumenta significativamente a participação dos alunos, pois se cria um ambiente propenso à troca de informações coletivas entre discente e docente.

Além disso, é possível aprender como trabalhar conteúdos que muitas vezes são ignorados pelos alunos, como a gramática, pois sabe-se que ensinar gramática não é uma tarefa fácil para o professor, pois os alunos não entendem o motivo de aprender tal conteúdo, outra barreira enfrentada é a necessidade de ensiná-la sem desvalorizar as variedades linguísticas trazidas pelo aluno de seu cotidiano e inseridas na sala de aula. Para conseguir a atenção do aluno para a explicação desse conteúdo é necessário uma atitude diferente, não se prendendo somente a gramática normativa. Como afirma Antunes (2003):

(...) enquanto o professor de Português fica apenas analisando se o sujeito é “determinado” ou “indeterminado”, por exemplo, os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas, ou acabam todos, na verdade, “sujeitos inexistentes”, persistindo-se, assim, o quadro desolador do insucesso no que tange à deficiência linguística do educando, que se reflete, na maioria das vezes, em outras disciplinas (ANTUNES, 2003, p.17).

Ou seja, é necessário mostrar sentido em aprender tal assunto, não ensinar algo de maneira descontextualizada. O professor supervisor exige muita leitura de seus alunos para que assim “conheçam” a língua sem precisar ficar decorando regras e ainda no momento de sua explicação dá exemplos de situações reais para que eles assimilem melhor o ensinado.

Portanto, nesse período de monitoria o importante não é somente o auxílio aos alunos na realização de atividades, mas também a observação da postura do professor, como ele age durante a explicação para fazer com que os alunos assimilem o conteúdo, isso é um suporte para a futura atuação do bolsista em sala de aula.

Até o momento com a realização do projeto foi possível notar alguns resultados positivos, tanto para os alunos da escola campo quanto para os bolsistas sendo eles, maior

conhecimento sobre o tema letramento, conciliação de teoria e prática por parte das alunas bolsistas, já que na maioria das vezes o que é estudado nas reuniões está sendo possível aplicar na escola campo e ampliação dos conhecimentos dos alunos e equipe escolar sobre o tema.

Com a participação no Encontro em Pirenópolis foi possível fazer uma reflexão sobre as ações realizadas até o momento, e ainda proporcionou sugestões para que novas propostas sejam incorporadas ao projeto, sendo assim espera-se que ao término do projeto sejam somados mais ganhos, principalmente no que tange ao nível de letramento dos alunos e consequentemente na ampliação dos índices das provas internas e externas realizadas na escola campo.

Referências

- ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: Encontro & Interação**. 2ª Ed., Parábola, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **A mediação do professor na compreensão leitora**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BULGRAEN, Vanessa Cristina. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento**. Capivari: Revista conteúdo, 2010.
- CAED, Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação. **Avaliação Diagnóstica**. Disponível em: <<http://www.portalavaliacao.caedfjf.net/pagina-exemplo/tipos-de-avaliacao/avaliacao-diagnostica/>>. Acesso em: 06/04/2013.
- CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **PIBID**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em: 01/06/13.
- FONTANA, R.; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. 1. ed. São Paulo: Atual, 1997.
- MALDANER, O. A. **A formação inicial e continuada de professores de química professor/pesquisador**. Ijuí: Unijuí, 2000.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SCHNEIDER, M.S.P.S. **Monitoria: instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula**. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, 2006.
- SCHNEIDER, M.S.P.S (2007). **Monitoria e colaboração: criação de um espaço de desenvolvimento**. Artigo apresentado para o Exame de Qualificação de Artigo em Área Complementar, como requisito para a obtenção do título de Doutora – LAEL-PUC/SP.